

# Sesc<sup>tv</sup>

EDIÇÃO N.121 / ABRIL DE 2017

CURTAS-METRAGENS  
**AS PRODUÇÕES  
PREMIADAS**  
*INGRID E SESMARIA*

ENTREVISTA  
LAERTE, GÊNERO  
E AUDIOVISUAL

MÚSICA  
HPRIZM, WADADA LEO SMITH  
E HENRY GRIMES EM WAVES

festival de música de câmara

# Pera Ensemble (ALE/TUR)

31/5, quarta, às 22h



Foto: Leco de Souza

Envie sua opinião, crítica ou  
sugestão para:  
[atendimento@sesctv.sescsp.org.br](mailto:atendimento@sesctv.sescsp.org.br)

Assista online: [sesctv.org.br/aovivo](http://sesctv.org.br/aovivo)



/SESC TV

## índice

### DESTAQUES

- 4 Em busca da identidade
- 6 Terra abandonada
- 7 Jazz, sintetizadores e improviso
- 7 A ética e o desafio de conviver

### ENTREVISTA

- 8 Laerte Coutinho:  
Gênero, arte e transgressão

### ARTIGO

- 12 Velhice, televisão e cinema,  
por Fernando Genaro

### ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



### capa

Ingrid Leão

Foto: divulgação

## editorial

# Diversidade e Cultura

**Danilo Santos de Miranda**

Diretor Regional do Sesc São Paulo



O ser humano tem a capacidade de interiorizar as experiências do universo social em que vive, e utilizá-las como referência para interpretar o mundo à sua própria maneira. Estamos diante de uma realidade, em pleno século 21, em que a intolerância, o racismo, a transfobia e diversos preconceitos são fenômenos a serem cada vez mais questionados e debatidos. As conquistas na sociedade contemporânea são um sinal de que estamos mais conscientes sobre as possibilidades de convivência, com respeito à diversidade, que permitem nossa constante transformação.

Nesse contexto, este mês, o SescTV propõe uma reflexão sobre as questões que tratam da transgeneridade com a estreia do curta-metragem *Ingrid*. Nele é exposta a trajetória da transexual Ingrid Leão com os conflitos enfrentados durante sua infância e juventude, na busca por sua identidade. Outro destaque é Laerte Coutinho. A cartunista, em entrevista, fala sobre transgeneridade, preconceito, felicidade e representatividade no cenário transexual brasileiro.

O canal também exhibe o curta-metragem *Sesmaria*, dirigido por Gabriela Richter Lamas. Ele expõe questões como abandono, perda e dependência, diretamente atreladas à velhice. Em episódio da série *Super Libris*, o escritor João Silvério Trevisan defende que a liberdade de escolha serve como fonte inspiradora à literatura inventiva.

A Revista do SescTV traz ainda o rapper Emicida e o antropólogo Antonio Risério. Eles falam sobre as repercussões das ideias e identidades brasileiras no mundo contemporâneo, em episódio da série *Galáxias*. HPrizm, Emmanuel Pidre, Steve Lehman, David Vireless, Henry Grimes e Wadada Leo Smith se apresentam no show *Waves*, gravado no Festival Jazz na Fábrica, no Sesc Pompeia. Boa leitura! ●

## Em busca da identidade

A difícil trajetória de transexuais no Brasil expõe a ferida aberta de um país que não aceita a individualidade do outro e não permite a liberdade de ser quem se quer



Ingrid Leão em cena, no curta-metragem *Ingrid*, com direção de Maick Hanner.

┌  
Nascer em um corpo estranho, com o qual você não se identifica. Essa é a condição para aquilo que a ciência chama de Transtorno de Identidade de Gênero. Essa é a realidade de uma pessoa transexual. Viver com esse estranhamento identitário impulsiona muitos a procurarem tratamentos e cirurgias que possam aproximar seu corpo à forma física adequada e sua vida ao gênero a que de fato sentem pertencer.

Além do sentimento de inadequação, a rejeição familiar, a discriminação e a exclusão social são circunstâncias inerentes à realidade dos transexuais. “Quando eu era pequeno tinha muita vontade de ter o cabelo comprido. Minha mãe sempre cortava. Aquilo me machucava de certa forma. E ainda dóia mais porque ela me levava ao barbeiro.” A atriz Ingrid Leão descreve suas memórias com tristeza. Para

## CURTA-METRAGEM ABORDA TRANSEXUALIDADE, INTOLERÂNCIA E LUTA PELA IGUALDADE DE DIREITOS



FOTO: DIVULGAÇÃO

ela, as pessoas não têm dimensão do embate que acontece na mente de uma criança ao descobrir o mundo, e da mistura de sentimentos que resultam da dificuldade de reconhecer sua própria imagem.

“Eu sabia que não iria ter seios, um quadril largo ou pernas torneadas. Sabia que minha voz não seria delicada, mas uma coisa eu sentia que poderia ser minha: o meu cabelo comprido, e sempre me

tiravam isso”. Esse pensamento de Ingrid exemplifica o sofrimento psicológico de transexuais, que em geral começa na infância. “Eu olhava meu corpo no espelho e tinha vergonha, não me identificava, eu não sabia o que eu era porque minha cabeça me dizia algo que meu corpo não falava”, explica.

É durante a adolescência que muitos e muitas transexuais iniciam a maior batalha de suas vidas, quando começam o tratamento hormonal, por vezes sem acompanhamento médico adequado, e travam uma luta contra a própria natureza. Nesse enredo, o clímax de suas histórias acontece com as intervenções cirúrgicas, de próteses de silicone à completa operação de redesignação sexual. “Fui tentar me transformar no que realmente queria ser”, comenta Ingrid quando colocou seios. “Nesse dia, pela primeira vez, olhei no espelho e me senti uma mulher. Foi nesse momento que a Ingrid nasceu”, revela a atriz.

Aceitar-se é um ponto vital na narrativa de todo transexual que ainda tem de enfrentar o preconceito e a violência de uma sociedade que os marginaliza. O Brasil, por exemplo, é o país que mais mata transexuais. Só em 2016, foram 347 mortes.

Ingrid, que hoje milita pela causa transexual, sente o peso da intolerância. “Meu corpo já é minha militância. Mato um leão por dia quando abro o portão de casa e me deparo com os olhares, piadas sem graça, assédios e palavras de baixo calão, isso tudo sofro só por estar andando na rua, calada.” A trajetória da atriz virou um documentário dirigido por Maick Hannder. “O filme surgiu da minha necessidade de falar sobre a autoimagem. Por tratar de questões sobre sexualidade e gênero, ele acabou ganhando um contexto social, por representar minorias invisíveis. O que para um diretor significa uma responsabilidade a mais. Aprendi muito com todo o processo e fico muito grato pela Ingrid ter confiado em mim para contar sua história”, comenta Hannder. O filme foi vencedor do Prêmio Aquisição SescTV, como melhor filme, no festival Goiânia Mostra Curtas, em 2016. ●



**ESPECIAL  
CURTAS - INGRID  
DIA 20, 21H08.**

Direção: Maick Hannder.  
Classificação: 14 anos.



**Assista ao teaser da produção:**







FOTO: DIVULGAÇÃO

## Terra abandonada

Distantes das famílias, idosos lidam com os dilemas da velhice

┌  
A velhice é o momento em que o homem tem de lidar com diversas limitações trazidas pelo avanço do tempo, entre as quais estão a dependência, o abandono e a perda. Difícil para grande parte dos idosos, o envelhecer nunca é o mesmo. Ele traz consigo reações distintas, maneiras diferentes de encarar o ciclo da vida. Os idosos no Brasil são exemplo disso, e uma parcela da população no Rio Grande do Sul chama a atenção para um grave problema. O Estado possui um dos mais elevados índices de depressão e suicídio entre idosos agricultores. “Existem pesquisas que relacionam o uso de agrotóxicos nas plantações de fumo ao aumento das chances de depressão entre os lavradores”, revela a cineasta gaúcha Gabriela Richter Lamas. Sensibilizada pelo tema,

Gabriela dirigiu o curta-metragem *Sesmaria*, que tem como pano de fundo a cidade de São Lourenço do Sul, no distrito que dá nome a seu trabalho. “*Sesmaria*, além de um alerta sobre a relação dos idosos com sua família, quer mostrar a tranquilidade da vida no campo e as relações entre homens e animais”, comenta. A diretora, que iniciou sua carreira na direção de arte do curta *Nua por Dentro do Couro*, de Lucas Sá, dirige seu primeiro trabalho autoral utilizando como protagonistas seus próprios avós. O curta inédito ganhou o Prêmio SescTV para Novos Talentos na 27ª edição do Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, em 2016, realizado pela Associação Cultural Kinoforum. O prêmio reforça a missão do canal no fomento ao audiovisual brasileiro. ●



**SESMARIA**  
**DIA 20, 21H08.**  
Direção: Gabriela  
Richter Lamas.  
Classificação: 14 anos.

FOTO: WADADA LEO SMITH, POR ROGER SASSAKI



FOTO: DIVULGAÇÃO



## Jazz, sintetizadores e improviso

**DIA 26, 22H.** Música. Direção para TV: Daniel dos Santos. Classificação: Livre.

┌

A trajetória de Bud Powell e Thelonious Monk, gênios irreverentes do jazz, serviu de inspiração para o rapper HPrizm unir ao ritmo projeções gráficas e batidas eletrônicas, em uma homenagem aos jazzistas que influenciaram diferentes gerações. “Há uma vitória na vida deles se considerarmos que passaram por situações extremas”, comenta HPrizm. “Na década de 1940, nos EUA, eles eram considerados compositores à margem do jazz. Mas foram visionários.” O rapper compôs a trilha sonora para um vídeo baseado na obra de Powell e Monk, que é projetado durante o show *Waves*. A apresentação mescla sintetizadores, música instrumental e improviso. O concerto audiovisual de jazz reúne nomes de diferentes vertentes da música negra americana, como Emmanuel Pidre, Steve Lehman, David Vireless, Henry Grimes e Wadada Leo Smith, além de HPrizm. O encontro inédito foi gravado no Festival Jazz na Fábrica, no Sesc Pompeia. ●

## A ética e o desafio de conviver

**DIA 13, 22H.** Estilhaços. Direção: Kiko Goifman. Classificação: 10 anos.

┌

“O ambiente do hostel é uma viagem sem sair de casa”, conta o administrador Sandro Oliveira de Souza, que leva para o trabalho princípios éticos que regem sua vida, como o respeito ao próximo. “A essência dos *hostels* é agregar e não riscar. É somar amizades, pessoas e sucessos”, explica. A empresária Denise Camargo concorda. “Quem vem ao *hostel* já tem ideia de que esse lugar é compartilhado e que é necessário respeitar os outros.” Para ambos, as experiências nesses hotéis coletivos são, em sua maioria, positivas, diferentes, por exemplo, do que acontece em transportes coletivos, como conta o motorista de ônibus Valdir Soares: “Em nossa profissão não tem muita união. Cada um faz sua parte sem ajudar ninguém.” Para ele, a ética e o respeito entre profissionais e passageiros precisam ser aprimorados. Gerentes de *hostels* e motoristas de ônibus revelam seus desafios diários, em episódio inédito da série Estilhaços. ●

## LAERTE COUTINHO. CARTUNISTA E CHARGISTA.

Artista discute questões de gênero, preconceito, felicidade e representatividade no universo transgênero brasileiro

# Gênero, arte e transgressão

┌  
Sem medos, Laerte prende a atenção quando fala. Coerente em seu pensamento, defende suas ideias de maneira articulada, com a experiência de quem está, desde sempre, atenta ao cenário político e social do País. Quando jovem, tentou estudar música, teatro e cinema, até entender que o desenho era sua principal forma de expressão. Começou sua carreira com ilustrações, quadrinhos e charges nos anos 1970. Seus primeiros traços foram publicados no jornal do Centro Acadêmico da ECA – Escola de Comunicação e Artes da USP – Universidade de São Paulo, que não concluiu. De lá, foi trabalhar na revista de economia *Banas*, e não parou mais. Ajudou na fundação da revista *Balão*, criou charges para o sindicato dos metalúrgicos e lançou a revista *Piratas do Tietê*, em 1990. Desde 1991, publica tirinhas diárias no jornal Folha de S.Paulo, criando personagens famosos como Capitão Jack, Hugo, Gato e Gata e Laerton. Sem falar de sua experiência como roteirista de programas de televisão consagrados, como *TV Pirata*, *Sai de Baixo* e *TV Colosso*. Escreveu livros com os quais foi premiado, como *Laertevisão* e *Piratas do Tietê - A Saga Completa*. Recebeu mais de seis troféus HQ Mix, considerado o Oscar brasileiro dos quadrinhos, e um Prêmio Ângelo Agostini, na categoria Mestre do Quadrinho Nacional. Ao assumir sua identidade feminina na maturidade, Laerte, hoje aos 65 anos, traz para o debate discussões em torno da transexualidade. Os questionamentos que

faz sobre vida e política em seus quadrinhos, sua postura pública sobre questões de gênero, felicidade, preconceito, militância e arte são temas que o inspiram até hoje.

### Você enfrentou algum tipo de dificuldade no início de carreira?

Não. Foi um começo bastante acolchoado. Minha família sempre me apoiou. Minha intenção acadêmica era me dedicar ao cinema ou teatro. Acabei fazendo música até o terceiro ano, mas não fui em frente porque reconheci que o que eu queria mesmo era desenhar. O desenho é meu canal de expressão principal. Comecei publicando no jornal do centro acadêmico, onde trabalhei, e ilustrei para uma revista que se chamava *Banas*. E aí foi aparecendo uma sucessão de trabalhos que me ajudaram bastante. Havia um espaço a ser ocupado na mídia que hoje já não existe mais.

### Que conselho você dá aos cartunistas de hoje?

Sei lá! Eu ficaria absolutamente em pânico se tivesse que começar hoje. Naquela época, tínhamos que fazer um portfólio, físico mesmo, uma pasta grande com desenhos grandes, e íamos pessoalmente às redações apresentar o material e encher o saco dos editores de arte. Hoje, qualquer pessoa que abre um *blog* tem potencialmente, em uma semana, todos os seguidores que eu demorei 10 anos para ter.







**RAIO-X**  
**LAERTE**  
**COUTINHO,**  
**SÃO PAULO (SP)**

**Formação**  
Autodidata

**Alguns**  
**personagens**  
■ Capitão Jack  
■ Hugo Baracchini  
■ Laerton  
■ Gato e Gata  
■ Fagundes



**“Hoje, estou**  
**mais feliz, plena,**  
**e me reconheço**  
**no que eu sou.”**



**“Estamos em uma época em que não podemos deixar de lado nenhuma questão em nome de uma formalidade artística ou movimento. Devemos ter respeito às lutas das pessoas e aos movimentos sociais, que passaram por poucas e boas para chegar onde estão.”**

**“Essa coisa de ser mulher e se expressar como mulher é algo incrível, um aprendizado interminável. Primeiro porque a quantidade de informações e arranjos possíveis de expressão é quase infinita. Segundo porque nós vamos mudando também.”**

>>>

**Qual foi a primeira tirinha que fez com a temática trans?**

Não me lembro. Provavelmente, como toda autora de quadrinhos, de roteiro, já usei essa coisa de travesti como recurso narrativo em alguma situação. Os primeiros usos mais frequentes eram com travestimento, com uma questão cômica. Aos poucos, comecei a usar de forma menos cômica, menos caricata. Até que teve a primeira tira do Hugo, em que ele se travestia sem nenhuma desculpa, sem nenhum pretexto. E a fala era uma só: “às vezes o cara tem que se montar”, uma gíria de *crossdresser*.

**Quando você começou a falar sobre a transgeneridade em seu trabalho?**

Não existiu uma estaca inicial para eu tratar desse assunto. Essa questão transgênera se apresentou de forma gradual. Primeiro apareceu na minha orientação sexual, a minha homossexualidade, que eu demorei 30 anos renegando. Quando eu resolvi aceitar, uma das coisas que veio de brinde foi essa, que além de curtir homem eu gosto de ser mulher. Depois eu comecei a me vestir e me maquiar, adotar uma persona. A feminilidade surgiu em encontros específicos e aos poucos percebi que gostava de ser mulher.

**Sua visão feminina sobre as coisas a influenciou de alguma forma?**

Ah, eu continuo a mesma pessoa. A gente não muda o modo de ver as coisas. Principalmente se você considerar que eu passei cerca de 60 anos me expressando como homem, e sem conflito com isso. O que me incomodava em ser homem era um

vago desejo, uma inveja da beleza feminina que eu demorei a identificar. As pessoas tendem a querer resolver isso rapidamente.

**Por que é tão difícil falar sobre a questão trans em sociedade?**

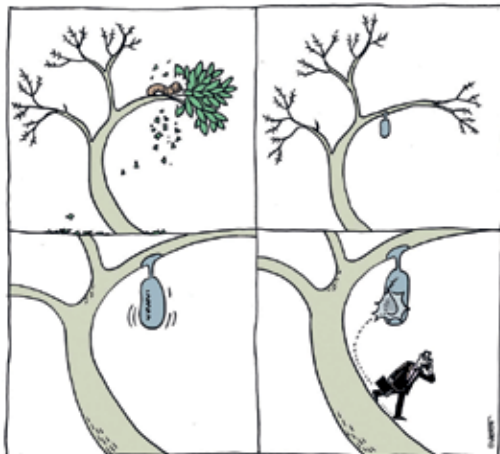
Assusta principalmente o patriarcalismo, que defende a posição do macho predominante e da fêmea dominada. Mas as mulheres, através do feminismo e suas múltiplas formas, conquistaram um espaço de expressão social que os homens nem começaram, nem imaginam como é. Mas se você veste uma saínia ainda é um escândalo. Hoje, eu acho que há espaços em que é possível ver meninos com saia. Essa subversão mal está começando e já é esse escândalo. Imagina que tem gente reclamando de um beijo *gay* em um cantinho de uma cena em um filme da Disney. Tirem as crianças da sala! Essa gente não tem medida.

**Para a Laerte, o gênero é somente uma formalidade social?**

Tem a ver com o modo como uma determinada cultura se comporta e como ela entende o que é esperado das pessoas segundo o sexo que é atribuído a elas no nascimento. O que os estudos e as questões de gênero têm levantado nos últimos anos é a volatilidade desses conceitos, a possibilidade dessas ideias serem transformadas e atenderem às novas demandas humanas modernas, libertárias e democráticas. Modos novos de viver o gênero. Então o que a gente está vivendo hoje em dia é uma batalha.



## LAERTE EM TRÊS TIRINHAS



■ Laerte, 2007.



■ Laerte, 2012.



■ Laerte, 2014.

## Pode-se afirmar que você é um dos ícones do movimento trans no Brasil?

Ah, eu não gosto de ser ícone. Quando comecei a viver a minha transgeneridade, já estava cheio de gente lutando. Tinha a Bruna, a Kika e dezenas de pessoas militantes e ativistas que estavam batalhando há muito tempo. Eu me integrei nessa luta. O que eu tenho feito é procurar fazer das minhas vivências uma coisa interessante para os outros e para mim também. Mas eu fico contente de fazer parte desse contexto de conscientização progressiva e crescente.

## Sobre a polêmica em relação às escolhas dos atores para representar personagens trans no cinema e TV, qual é a sua opinião?

Depende. No caso da Carolina Ferraz (que fará o longa-metragem *A Glória e a Graça*, em que interpreta uma transexual), acho exagero. Mas, uns anos atrás, a Vanessa Redgrave interpretou brilhantemente a história do Renne Richards e sua transformação em mulher. Então cada caso é um caso. Estamos em uma época em que não podemos deixar de lado nenhuma questão em nome de uma formalidade artística ou movimento. É tudo uma questão de bom senso, de respeito às lutas das pessoas, respeito aos movimentos sociais que passaram por poucas e boas para chegar onde estão.

## Houve um momento em que decidiu “agora vou me vestir de mulher, ser mulher”?

Até houve. Foi depois que eu dei uma entrevista para a revista *Bravo!* e o Arnaldo Antenori, jornalista, me perguntou porque eu estava de unhas feitas e brincos. Respondi que eu costumava me vestir de mulher e me apresentar como mulher em algumas situações. Então ele pediu para mencionar isso na matéria. Disse que alguma repercussão ia ter. Como de fato aconteceu. Mas não foi ruim, eu não me senti envergonhada, mas aliviada por não precisar esconder mais quem eu era.

## Para você, como é ser mulher?

Essa coisa de ser mulher e se expressar como mulher é algo incrível, um aprendizado interminável. Primeiro porque a quantidade de informações e arranjos possíveis de expressão é quase infinita. Segundo porque nós vamos mudando também. Comecei a me expressar de forma transgênera em 2011. Mesmo assim a gente vai mudando, tenho 65 anos, daqui a pouco faço 70 anos. O corpo muda, as energias mudam, os sentimentos e a roupas também. Hoje, estou mais feliz, plena, e me reconheço no que eu sou. ●



# Velhice, televisão e cinema

Fernando Genaro. Psicólogo, Psicanalista, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Atualmente é clínico em Belo Horizonte e desenvolve pesquisas no âmbito do envelhecimento e suas interfaces com a psicanálise e filosofia.

por **Fernando Genaro** foto **Jr. Peres**

Nesse momento histórico, em que o mundo envelhece de forma progressiva, se faz cada vez mais urgente a reflexão sobre o complexo processo de envelhecer, o seu lugar e representatividade na cultura.

De modo geral observamos um aumento da visibilidade na produção cinematográfica sobre temas relacionados à velhice, bem como uma mudança significativa dos papéis que os idosos representam na atualidade, e seus dilemas. Como, por exemplo, a telenovela *Mulheres Apaixonadas* (2003), que aborda a questão da agressão e dos maus tratos aos idosos por meio da relação da personagem Dóris com seus avós. Outro exemplo recente foi a telenovela *Babilônia* (2015), em que um casal de octogenárias, formado pelas atrizes Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg, enfrentou preconceitos por construir uma relação homoafetiva sólida ao longo dos anos.

No entanto, assistimos ainda, em algumas telenovelas brasileiras, produções que enfocam a velhice equiparando-a à doença, e à inutilidade. Vemos personagens que representam idosos dependentes que “pesam” a convivência familiar, muitas vezes na condição de acamados, necessitados de cuidados intensivos. Outros aparecem como meros figurantes: idosos jogando dominó; velhas fazendo crochê, cuidando de assuntos superficiais ou somente de questões domésticas. Ou, ainda, os papéis que infantilizam os idosos: o velho volta a ser criança e por isso não se deve levá-lo muito a sério. Dá-se também o radicalmente oposto:

uma forte negação do idoso na cultura por meio da geração “botox e malhação”, como se fosse possível realizar uma espécie de “reposição hormonal” para retardar o envelhecimento.

Contudo, as produções cinematográficas parecem estar mais atentas com a realidade das diferentes faces da velhice, uma vez que o processo de envelhecimento é singular para cada pessoa, ocorrendo a partir da sua biografia, do momento histórico e cultural que ela vive. Assim, vemos temas e dilemas existenciais que parecem abordar a maturidade de forma mais fiel ao que significa estar idoso na contemporaneidade.

Nos últimos dez anos os idosos conquistaram mais espaço no que diz respeito à produção cinematográfica, seus personagens abordam temas que discutem o papel social do idoso, a solidão, o amor, a sexualidade, a política, as relações transgeracionais, a violência, a juventude e até mesmo a finitude da vida.

Tal representatividade tem ficado explícita em produções como: *Alguém Tem que Ceder* (2003), comédia romântica. Nela, um idoso bem-sucedido e interessado em relacionar-se com mulheres jovens enfrenta conflitos no relacionamento que tem com uma mulher de sua idade. Em *Antes de Partir* (2007), comédia dramática. Dois idosos com câncer, e pouco tempo de vida, fazem uma lista de tudo o que gostariam de fazer antes de morrer e saem pelo mundo para viver essas experiências. No filme *Hanami Cerejeiras em Flor* (2008), romance. Ao receber a notícia de que seu marido está



com uma doença que lhe dá poucos meses de vida, os médicos sugerem que o casal aproveite os últimos momentos para viajar ou realizar alguns de seus sonhos. Com a história *Chega de Saudade* (2008), drama. Idosos e jovens que participam de um baile lidam com sentimentos como amor, solidão, traição e desejo. No famoso argentino *Elsa e Fred - Um Amor de Paixão* (2005), drama, um viúvo sistemático que vive só vai morar ao lado de uma senhora cheia de vida, pela qual se apaixonou. Em *Amor* (2012), dramaromance, um casal de idosos, apaixonados pela arte, vive os desafios da velhice que afetam seu relacionamento com a filha. *Up Altas Aventuras* (2009), comédia dramática. Um idoso de 78 anos é um vendedor de balões e está prestes a perder a casa em que sempre viveu com sua esposa, já falecida. Após um incidente, ele faz com que sua casa “levante vôo” com o uso de bexigas coloridas. Na comédia *Garotas do Calendário* (2003), senhoras de uma associação nacional são convidadas a fotografarem nuas para uma campanha publicitária. *Minhas Tardes*

*com Margueritte* (2010), drama. O filme conta a história de Germain, um jardineiro que teve uma infância difícil e foi maltratado pela mãe. Sua vida começa a mudar quando, numa tarde, encontra Margueritte. *Poesia* (2010), drama. Uma senhora idosa aprende a fazer poesia em curso especializado perto de sua casa. Ela também precisa lidar com uma confusão causada por seu neto.

A crescente produção cinematográfica, que mostra como tratar da velhice no cinema, tem proporcionado um lugar de resgate e visibilidade aos elementos fundantes da vida: o idoso e seu destino humano. Ao assistir aos filmes, o grande público encontra possibilidades de afetação, revisão e reflexão acerca das necessidades oriundas do envelhecimento humano. Momento sensível que demanda lugar inter-humano na cultura, e nesse sentido o cinema se torna lugar para diferentes elaborações subjetivas, transformações de valores, atitudes e comportamentos de gerações, mostrando-se vital para o reposicionamento do papel do idoso na cultura. ●





## Dia 26, 21h

**O BRASIL NO MUNDO** Galáxias. Direção: Isa Grispum Ferraz. Classificação: Livre.

O antropólogo Antonio Risério, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, o rapper Emicida e outros pensadores discutem sobre as ideias, as identidades brasileiras e a posição que o país ocupa no mundo contemporâneo.

## Dia 27, 21h

### **CINEMA DE RUA**

Especial Curta.  
Direção: Kiko Santos.  
Classificação: Livre.

Narrativas poéticas audiovisuais sugerem um novo olhar sobre as relações humanas, a partir da captura de imagens e da sensível observação do dia-a-dia de pessoas e sua interação com o outro, com objetos e lugares. Gravados nas cidades de São Paulo, Berlim, na Alemanha, Mançura, no Egito, e na região da Patagônia argentina, os vídeos inéditos de curta duração estreiam no SescTV e são exibidos durante os intervalos da programação.

## Dia 17, 21h

### **MEU QUERIDO TRANSGRESSOR**

Super Libris.  
Direção: José Roberto Torero.  
Classificação: Livre.

“Toda literatura supõe uma transgressão”, defende João Silvério Trevisan. Escritor, cineasta e ativista LGBT, Trevisan foi seminarista e assumiu sua homossexualidade durante a ditadura militar. Vencedor do Prêmio Jabuti, em 1995, pelo romance Ana em Veneza, ele acredita que a transgressão é uma postura assumida a partir de convicções particulares; um estímulo à literatura inventiva.





FOTO:DIVULGAÇÃO



## Dia 16, 11h

### FAVELA

Habitar Habitat. Direção: Paulo Markun e Sergio Roizenblit. Classificação: 12 Anos.

A arquitetura urbana e social da favela passa por grandes transformações. “O fenômeno mais importante é a mercantilização da vida e isto é muito perverso”, explica Luciano Vidigal, diretor do documentário *Cidade de Deus, 10 anos depois*. No episódio da série Habitar Habitat, moradores de comunidades cariocas falam sobre desafios cotidianos e aspectos culturais que envolvem esse tipo de habitação.

## Dia 30, 21h

### PROJETO COISA FINA

Instrumental Sesc Brasil. Direção para TV: Max Alvim. Classificação: Livre.

A *big band* paulistana Projeto Coisa Fina surgiu em 1995, motivada pela paixão em comum de seus integrantes pelo compositor, maestro e multi-instrumentista pernambucano Moacir Santos. Com 13 músicos e mais de 10 anos de trajetória, o grupo apresenta repertório de composições autorais que une o jazz ao baião, frevo e maracatu.



FOTO: F. PEPE GUIMARÃES



**SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**  
Administração Regional no Estado de São Paulo

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**  
Abram Szajman

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**  
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

#### COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

#### SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélio Magalhães

#### REDAÇÃO

João Cotrim e Eloá Cipriano

#### EDITORIAÇÃO

Lourdes Teixeira Benedan

#### REVISÃO

Marcelo Almada

#### PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essenfelder

#### REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fray e Marilu Vecchio



#### DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

#### DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

#### COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Sidênia Freire

#### COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Heloisa Ururahy

#### COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

#### COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

João Cotrim

#### DIVULGAÇÃO

Jô Santana, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

#### ESTAGIÁRIA

Tatiana Maria Soares

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site [sesctv.org.br/aovivo](http://sesctv.org.br/aovivo)

Acompanhe o SescTV: [sesctv.org.br](http://sesctv.org.br)



/sesctv

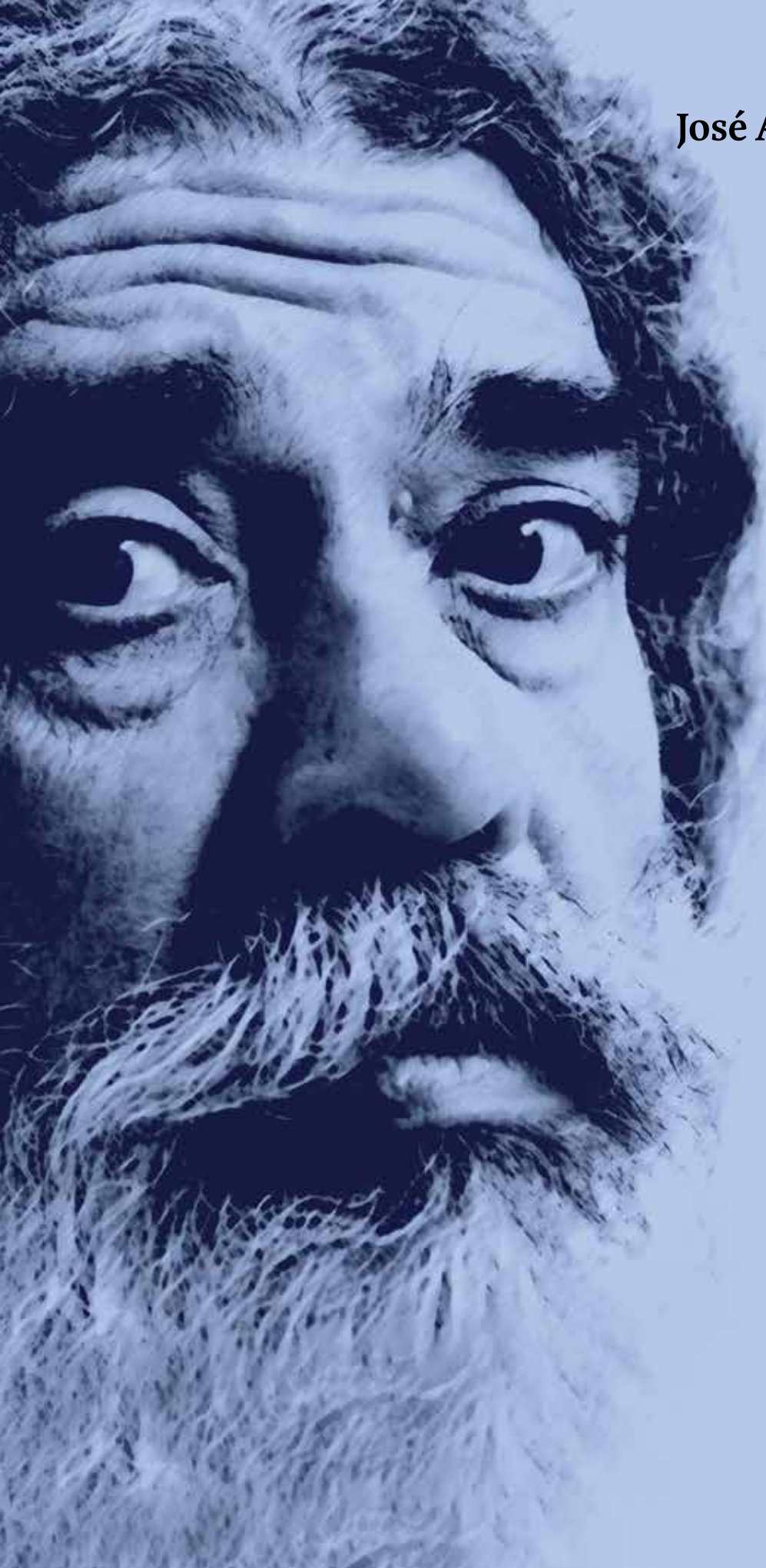
Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Leia as edições anteriores em: [sesctv.org.br](http://sesctv.org.br)

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado





ciclo de cinema  
**José Agrippino de Paula**

*em maio*

Foto: Maurício Simotti

Assista online:  
[sesctv.org.br/aovivo](http://sesctv.org.br/aovivo)

